

REFLEXÕES SOBRE A PERCEPÇÃO DOS USUÁRIOS DA PRAÇA UCRANIANA E RESGATE HISTÓRICO-GEOGRÁFICO DOS ESLAVOS NO SEU ENTORNO

PIASECKI, João Saulo¹
BERTOTTI, Luiz Gilberto²

RESUMO

O presente artigo teve a intenção de analisar e refletir sobre aspectos relacionados à percepção dos usuários da Praça Ucrâniana na cidade de Guarapuava – Paraná – Brasil, frente à sua geografia, localização e uso como espaço público e patrimônio histórico cultural, bem como resgatar informações históricas da mesma, visando registrar eventos do presente e do passado de tal localidade. Para isso, efetuou-se uma análise *in loco* da praça, sua estrutura e as características dos seus usuários, assim como de seus objetivos ao utilizar tal espaço, seu entendimento e percepção sobre o mesmo. O método empregado foi a revisão de literatura através de autores balizadores dos temas espaço, percepção e geografia urbana. Foram consultados artigos e trabalhos de pesquisa sobre as praças e espaços públicos de Guarapuava e outras cidades. Além das consultas bibliográficas e observação direta intensiva e extensiva, foi aplicado um questionário aos usuários em datas alternadas e gênero e idades distintas, visando averiguar o grau de conhecimento destes sobre a localidade e seu entorno e sua percepção quanto à relação entre a praça ucraniana e o desenvolvimento da cidade. Através deste trabalho foi confeccionado um breve registro histórico-geográfico deste espaço público e seu entorno, já que pouca documentação foi encontrada sobre o tema. Como resultados conclusivos, percebeu-se que poucos observam e interpretam a geografia local. Os usuários da praça sabem a relação entre a praça e a Igreja Ucrâniana, porém desconhecem a relevância da influência dos imigrantes eslavos na formação da história do povo guarapuavano, ao deixar suas contribuições nas diversas esferas da sociedade local.

Palavras-chave: espaço público; percepção; praças; registro histórico-geográfico.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo nasce das discussões e reflexões incessantes e acaloradas sobre a percepção humana frente ao espaço que o rodeia, sobre como os sinais são interpretados e decodificados de pessoa para pessoa; como cada um enxerga a mesma coisa, porém com leituras diferentes, interpretações variadas e percepção distinta, já que a visão de mundo muda de cidadão para cidadão.

Tais reflexões trouxeram algumas elucidaciones e, ao mesmo tempo, despertaram a necessidade de se pensar a cidade, pensar o urbano, analisar suas características, sua história e sua ocupação, e, neste caso, seus espaços públicos, em especial a Praça Ucrâniana, a fim de abrir novos caminhos para o entendimento de conceitos da geografia que possam contemplar, explicar e ao mesmo tempo ajudar a desvendar como as pessoas percebem tal espaço, o que pensam a respeito, como interagem em tal ambiente.

Cada indivíduo possui uma leitura do urbano e da cidade. Como citado por Santos (2008), cada sujeito tem uma maneira específica de apreender o espaço, mas também de avaliá-lo. Este

¹ Mestrando em Geografia pelo Programa de Pós-graduação em Geografia – PPGG - Setor de Ciências Agrárias da Universidade Estadual do Centro-Oeste, *campus* universitário do CEDETEG. Endereço: Rua Simeão Camargo Varela de Sá, 03, CEDETEG, CEP: 85040-080, Guarapuava, Paraná, Brasil; Email: professor-saulo@hotmail.com.

² Doutor; Professor do Departamento de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual do Centro-Oeste, UNICENTRO; Pesquisador do Núcleo de Pesquisas Ambientais – NPA/UNICENTRO; Endereço: Rua Simeão Camargo Varela de Sá, 03, CEDETEG, CEP: 85040-080, Guarapuava, Paraná, Brasil; E-mail: bertotti99@gmail.com

mesmo pensamento pode ser aplicado para uma discussão acerca do objeto deste estudo, a Praça Ucrâniana, na cidade de Guarapuava, no estado do Paraná.

Ainda segundo o mesmo autor (2008), a cidade é um sistema vivo e complexo, cuja anatomia e composição podem ser estudadas e analisadas da mesma forma que as de qualquer outro sistema vivo; sendo assim, a complexidade de relações homem/homem e homem/meio que se faz nas cidades, são no mínimo, interessantes e delicadas, trazendo a necessidade de se refletir, calcular, planejar e aplicar métodos para interferir e tornar melhor a qualidade de vida de todos os envolvidos.

Daí a importância da Geografia como ferramenta para o entendimento da cidade. Segundo Gerardi (1981), entendemos por Geografia, de forma ampla e dentro do variado quadro conceitual disponível, a área do conhecimento que se preocupa com a análise dos processos de organização socioambientais relacionados a uma perspectiva espacial. No caso do município de Guarapuava, esta sociedade que se projeta no espaço recebe influências das mais variadas, dentre elas, o seu processo histórico, que no caso foi o tropeirismo e não a indústria, suas forças políticas tradicionais, já que existem famílias dominantes que influenciam em seu desenvolvimento e um acadêmico que se tardou em despertar, mas que agora traz consigo possibilidades novas de se pensar o urbano.

Santos (2008) afirma que a representação que nós fazemos do físico muda de acordo com as épocas, com o nível de progresso científico atingido. Nenhuma verdade no mundo físico é definitiva e ainda menos o é no domínio social; sendo assim, o que se vê na organização espacial das cidades, dos bairros e outras esferas, neste caso da Praça Ucrâniana, é o resultado de determinado tempo histórico-espacial, refletido no físico; a qualquer momento, tudo pode ser mudado e reinventado.

Para um melhor entendimento, o mesmo autor afirma ainda que o espaço é o espaço de todos os tempos, tal como hoje se apresenta diante de nós: nosso espaço, espaço de nosso tempo; assim são as cidades: um momento na história, representada por uma determinada organização espaço-temporal, que ao longo do tempo mudou, e certamente mudará, inclusive durante a elaboração destas páginas. Pode-se dizer também que este espaço é um verdadeiro campo de força cuja aceleração é desigual. Daí porque a evolução espacial não se faz de forma idêntica em todos os lugares. (SANTOS, 2008)

Sendo assim, Lefebvre (2001), as cidades são centros de vida social e política, onde se acumulam não apenas as riquezas como também os conhecimentos, as técnicas e as obras (obras de arte, monumentos). A arquitetura da Igreja Ucrâniana, localizada na praça objeto deste estudo, é um bom exemplo disso. O mesmo autor completa ainda que se pode definir como sociedade urbana a realidade social que nasce à nossa volta, permitindo que compreenda-se o município outrora abordado como a representação da sociedade aplicada no espaço onde o espaço, como ressalta Santos (2008), passa a ser o testemunho, a concretização dos efeitos e do trabalho da sociedade nele inserida.

Juntamente com tais conceitos, está a proposta deste artigo: a necessidade de se compreender e refletir como os usuários da Praça Ucrâniana a percebem; que leitura eles têm sobre tal espaço e sua denominação, já que ela faz alusão aos imigrantes ucranianos, e, trazendo para uma esfera ainda maior, à imigração eslava aqui representada.

O termo percepção, neste caso, será abordado como percepção social, que segundo Schiff (1973), diz respeito à impressão que se tem face a um estímulo ou a um conjunto de estímulos sociais. Ainda a esse respeito, Schiff (1973) ressalta que dois indivíduos com diferentes experiências prévias podem olhar para o mesmo estímulo físico, receber a mesma imagem em sua retina, ter a mesma imagem transmitida para o cérebro e ainda perceber esta imagem de forma diversa, ou seja, a leitura que cada pessoa tem frente a um determinado espaço, no caso deste estudo, a Praça Ucrâniana, é diferente, cada um enxerga o mundo segundo seus determinados interesses; suas percepções são diferentes.

Dentre as diversas concepções sobre percepção e atitude, percepção para Tuan (1980), é tanto a resposta dos sentidos aos estímulos externos, como a atividade proposital, na qual certos fenômenos são claramente registrados, enquanto outros retrocedem para a sombra ou são

bloqueados. Muito do que percebemos tem valor para nós para nossa sobrevivência biológica e para propiciar algumas satisfações que estão enraizadas na cultura. Essa resposta aos estímulos externos está relacionada ao modo como os indivíduos enxergam a composição e os elementos da praça; no caso da Igreja Ucrâniana, sua arquitetura, beleza cênica, o *playground* logo em frente, o espaço verde e aberto, a quadra poliesportiva, a pista de calçada para caminhada e a valorização histórica para ser desfrutado por cada cidadão em seu tempo livre.

Além da percepção, para Tuan (1980), a atitude dos indivíduos frente a suas leituras do espaço também é de suma importância, já que atitude é primariamente uma postura cultural, uma posição que se toma frente ao mundo. Ela tem maior estabilidade do que a percepção e é formada de uma longa sucessão de percepções, isto é, de experiências. Sendo assim, é se focando nas atitudes que se verificará como a praça será conservada pelos seus usuários.

Desta somatória entre percepção e atitude, Tuan (1980) traz consigo o conceito de Topofilia, ou seja, o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico. Difuso como conceito, vívido e concreto como experiência pessoal. Para o autor, a superfície da terra é extremamente variada, mesmo um conhecimento casual com sua geografia física e a abundância de formas de vida, muito nos dizem. No entanto, os modos como as pessoas percebem e avaliam essa superfície, são os mais variados possíveis; duas pessoas não vêem a mesma realidade.

Em se tratando de atitude, Schiff (1973) sugere que para os interessados na qualidade ambiental, a preocupação não é somente com o que o indivíduo pensa, mas também com o que ele fará. Frente às diversas formas de enxergar o espaço público, é de vital importância verificar como as pessoas estão agindo e interagindo em tal espaço, pois isto determinará com certeza como será a conservação e valorização de tal ambiente, neste caso, como será a valorização da Praça Ucrâniana.

Sendo assim, para Schiff (1973), uma atitude, então, é uma coleção de sentimentos (afetos) e crenças (cognição) que predispõe um indivíduo a reagir de certa forma ao objeto desses afetos e cognições. Assim sendo, frente às experiências positivas ou negativas que um indivíduo tiver, ele poderá trazer respostas públicas quanto à valorização ou não do lugar. Por exemplo, se um indivíduo tiver boa visão da Praça Ucrâniana, enxergar a beleza cênica, sentir a aura inocente das crianças ao brincarem no *playground*, certamente responderá à sociedade defendendo e valorizando a praça. Porém se, ao passar em determinado dia neste mesmo espaço público e for vítima de um assalto, certamente sua percepção será apurada e sua resposta será a aversão a tal espaço, enxergando-o como um local inseguro e que deve ser banido como espaço aberto e reinventado para outro fim.

É importante destacar que, conforme Tuan (1980), um ser humano percebe o mundo simultaneamente através de todos os seus sentidos e que a percepção é uma atividade, um estender-se para o mundo, ou seja, é com entender o mundo que nos rodeia através dos seus símbolos e significados que este nos proporciona. Para o mesmo autor, um símbolo é uma parte, que tem o poder de sugerir um todo, por exemplo: a cruz para a Cristandade, a coroa para a monarquia, e o círculo para a harmonia e perfeição. Ainda poderiam ser citadas aqui as cores, os odores, as substâncias, desenhos, formas, entre outros atributos simbólicos. Para Schiff (1973), pessoas agem e reagem com base em suas percepções, apesar de, como diz a própria autora, ser uma discussão bastante abstrata, há no espaço visões e verdades que não estão escritas ou expressas em símbolos, mas que são mais reais do que se pode imaginar.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), baseado no censo de 2010, são consideradas cidades de porte médio todas as cidades com população entre 100 mil e 500 mil habitantes. Ao se aplicar o tamanho demográfico como conceito básico, ou seja, conforme o número de habitantes, Guarapuava enquadra-se como cidade de porte médio, já que possui uma população estimada para 2013 de aproximadamente 175.779 mil pessoas, segundo IBGE (citado pelo Caderno Estatístico do Município de Guarapuava do Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social - IPARDES). Segundo Loboda (2008, p. 19), “mais de 90% dessa população está hoje concentrada na área urbana, distribuídos entre o distrito sede e mais cinco outros que integram os domínios territoriais do município”.

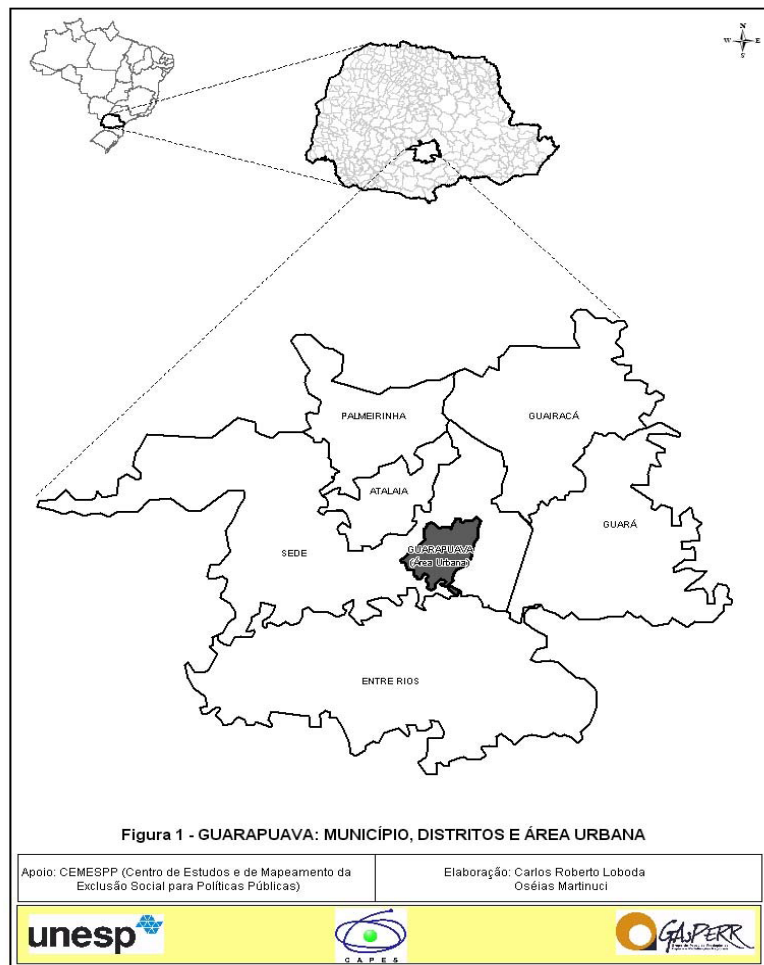


FIGURA 1: GUARAPUAVA: MUNICÍPIOS, DISTRITOS E ÁREA URBANA
 FONTE: LOBODA (2008)

Para tamanha população, são necessários grandes e variados espaços públicos para a prática do lazer e do ócio, bem como o desfrute da natureza.

Ainda de acordo com o mesmo autor, “apesar dos vários desmembramentos ocorridos ao longo do tempo, o município destaca-se ainda como sendo o maior em área do Paraná, com uma extensão territorial equivalente a 3.053,83 km².” (LOBODA, 2008, p. 19).

Para tamanha população, são necessários grandes e variados espaços públicos para a prática do lazer e do ócio, bem como o desfrute da natureza.

2 PRAÇA UCRANIANA

De acordo com Loboda, a Praça Ucrâniana

[...] é uma das maiores praças da cidade e o que é mais relevante é que está situada fora da área central. Dotada de equipamentos como quadra poliesportiva e de areia, parque infantil com área própria, proporciona entretenimento as diferentes faixas etárias. Esta situada em frente a igreja de rito ucraniano com suas imponentes cúpulas bizantinas, o que dá destaque ao conjunto dessa paisagem peculiar, além e claro, de

caracterizar a relação espaço público e religião frequente na cidade. (LOBODA, 2007, p. 376).

Buscando fazer um resgate histórico desde a formação da Praça Ucrâniana, percebeu-se que a mesma não possui nenhum decreto ou projeto de lei municipal para a devida constituição da praça como bem público, não havendo registros oficiais nem mesmo do nome e de sua origem. Ao longo do tempo, a própria população local que mora ou morou no entorno da praça, a denominou “Ucrâniana” carinhosamente fazendo uma alusão à Igreja, e por consequência, homenageando os imigrantes ucranianos.



FOTO 1 : Final de tarde em frente à Igreja Ucrâniana
FONTE: O autor (2014)



FOTO 2 : Visão panorâmica da Praça Ucrâniana
FONTE: O autor (2014)

Tal homenagem talvez tenha sido um pouco limitada, já que pela história local, e em conversa e entrevista com moradores locais, o entorno da praça foi se desenvolvendo com a contribuição destes ucranianos e outros imigrantes como é o caso de poloneses, italianos entre outros.

A metodologia aplicada para a pesquisa sobre a percepção dos usuários da praça ucraniana, bem como, o resgate histórico da comunidade do seu entorno, teve como instrumento de pesquisa

um questionário objetivo para conhecer e se apropriar indiretamente da visão que os indivíduos têm quanto a tal espaço público guarapuavano.

Foram entrevistados 23 usuários da praça, homens e mulheres, das mais variadas idades e graus de escolaridade, nas primeiras horas da manhã, entre oito e meio dia, e das dezesseis até as dezessete e trinta horas, buscando abranger indivíduos que praticam esportes, leem, utilizam o *playground*, fazem caminhadas ou participam de qualquer outra atividade de ócio no local.

Como resultado desta pesquisa, percebeu-se que do total de entrevistados, 13 moram no bairro Trianon, 08 no bairro Santa Cruz, 01 no Jordão e 01 no Boqueirão, permitindo descobrir que boa parte dos usuários é morador do entorno da praça já que esta se localiza na divisa entre os Bairros Santa Cruz e Trianon. Em relação à idade, a maior parte dos usuários em dias de semana possui mais que 50 anos de idade, ou seja, são profissionais liberais ou aposentados que têm a possibilidade de usufruir de tal espaço com tranquilidade e para o seu próprio bem-estar.

Os entrevistados em sua maioria, aproximadamente 65%, frequentam a Praça pelo menos três vezes por semana, sendo que os demais uma ou duas vezes por semana; 02 indivíduos comentaram que utilizam a praça apenas nos finais de semana. Destes 23 cidadãos, 07 possuem o Ensino Fundamental incompleto, 02 possuem o Ensino Fundamental completo, 08 o Ensino Médio completo, 04 o Ensino Superior incompleto e 02 o nível Superior Completo, o que demonstra que a maior parte dos adultos em questão teve poucas oportunidades de estudo ao longo de suas histórias de vida enquanto brasileiros.

Quanto ao nome da praça, 95% dos entrevistados sabem que o nome correto é Praça Ucrâniana, porém boa parte destes ainda utilizam expressões culturais diversas, dialetos próprios ou regionais sobre o mesmo termo, como 01 pessoa que se referiu à praça como Praça “Ucráína” e 04 como Praça “Ucrâína”. Apenas 01 indivíduo não sabia o nome, mas disse quase ter certeza que era Ucrâniana.

Ainda em relação ao nome da praça, 91% dos usuários da praça relacionam o nome à sua posição (em frente à Igreja Ucrâniana), além de observarem o formato bizantino das cúpulas da igreja, sua beleza cênica e sua configuração arquitetônica, que segundo um dos entrevistados provoca harmonia entre os dois espaços Igreja-Praça.

Porém, dentre os entrevistados, apenas sete indivíduos sabem a relação existente entre a Igreja Ucrâniana, a Praça Ucrâniana e a evolução histórica da cidade de Guarapuava com a contribuição dos ucranianos ou eslavos para tamanho desenvolvimento. Apenas 01 indivíduo demonstrou conhecer que há relação entre o nome da praça e a história da cidade, mas não sabe exatamente qual é esta relação; 02 deduzem que o nome ucraniano faz alusão aos imigrantes e assim associam o nome da praça à história de Guarapuava; 01 pessoa disse que é apenas mais um ponto de referência demonstrando não possuir muito valor para a mesma; 01 disse haver relação entre a praça e a igreja, mas não com a cidade, o que revela algum conhecimento, embora limitado. Além disso, 05 cidadãos disseram que não há relação entre praça, igreja e história da formação da população da cidade e 02 realmente não sabiam se há relação ou não, revelando como seu conhecimento sobre a história da formação da população guarapuavana é frágil e sem conteúdo, não demonstrando valorização nem da história nem do patrimônio público.

Os motivos de uso público da praça percebidos durante a pesquisa foram os mais variados, como para descanso, contemplação da natureza, leitura, namoro, sensação de liberdade por estar em espaço amplo e aberto, deleite frente ao som do canto dos mais diversos pássaros do bosque, *playground*, caminhadas, atividades esportivas e até um circuito de atividade física dirigido por uma *personal trainner* na quadra de futebol de areia.

Alguns usuários, de acordo com suas visões distintas, fizeram comentários relevantes, listando alguns pontos positivos e outros negativos quanto à Praça Ucrâniana; importante lembrar que, como um dos autores citados no início deste artigo, cada indivíduo percebe o mundo segundo seus interesses e segundo sua interpretação, baseado nos conhecimentos adquiridos ao longo de sua história.

Um cidadão idoso afirmou que o cidadão guarapuavano não dá a devida atenção à Praça, muito menos à história da imigração em Guarapuava e região, mas também afirmou que percebe a

importância da revitalização feita pela administração pública nos últimos anos. Esse mesmo indivíduo teve bastante contato com imigrantes japoneses que lhe influenciaram para que aprendesse a perceber o mundo através dos detalhes, principalmente arquitetônicos, fazendo alusão aos detalhes da beleza arquitetônica da Igreja Ucrâniana.

Outro aspecto também lembrado no momento da coleta de dados foi a importância da praça como meio de socialização, reconhecendo em espaços públicos como este, uma oportunidade para conhecer pessoas, reencontrar os velhos ou fazer novos amigos, relembrar tempos antigos e possibilitar que o guarapuavano ou sulista saia do aconchego da sua casa, do entorno do velho fogão à lenha, e que venha para o espaço aberto, para novas possibilidades fora da rotina, seja para conversar ou se relacionar, como agente dinamizador do espaço. Dessa forma, é possível convidar as pessoas para o uso da praça e para o turismo, que segundo fontes evidentes, denuncia mais uma alternativa de rendimento para qualquer cidade que assim o permita e o planeje.

Constatou-se, através do comentário de um dos indivíduos entrevistados, no entanto, que o guarapuavano, assim como o cidadão local, não valoriza ou está satisfeito com a sua terra, com o seu espaço de vivência, com seu bairro ou sua cidade; sempre dá espaço para uma reclamação em qualquer esfera, frente à economia, política, estrutura das cidades, ou outros assuntos, não valorizando muito os espaços públicos tão ricos nas mais variadas perspectivas, como é o caso da Praça Ucrâniana.

Foi possível verificar um forte entendimento quanto ao conhecimento e a riqueza cultural dividida pelos imigrantes no Brasil, uma vez que um dos entrevistados fez referência aos eslavos como os melhores carpinteiros já encontrados, dizendo que quando eles vieram para o Brasil, trouxeram consigo os conhecimentos de seu local de origem, o que muito contribuiu para o desenvolvimento da cidade e da região sul de um modo geral; conhecimentos como os dos ferreiros, armeiros, carpinteiros entre outros. Destacou também que os eslavos são um povo bastante fechado, que pouco se mistura, o que corroborou para a conservação da língua e da cultura ao longo das gerações, já que até hoje, descendentes ainda lembram ou mesmo falam fluentemente seus idiomas de origem e até a missa de domingo é rezada em ucraniano. Fez menção ainda à homenagem prestada através do batismo da praça em razão de tal imigração, reconhecendo ali não só os ucranianos como também poloneses e alemães.

Dos entrevistados, quatro cidadãos fizeram menção ao que sabiam sobre o espaço antes de ser criada a praça, afirmando ter sido ali uma serraria bastante grande de uma família de nome Kluber; dois deles foram levados de imediato a antigas lembranças, quando brincavam no meio das madeiras usando sua imaginação na construção de brinquedos.

Além da serraria, os usuários da praça mencionaram que logo na esquina e nos arredores do local, havia pelo menos 03 moinhos (de arroz, trigo e milho) dirigidos por famílias de imigrantes italianos e poloneses, famílias de sobrenome Fabiani, Sekula, Rozetti e Matney, que muito bem serviam aos próprios imigrantes alemães que povoaram a Colônia Entre Rios e por ali passavam a caminho de suas novas propriedades. O curioso é que o moinho da esquina da praça era de propriedade da prefeitura municipal, e depois é que foi transferida para uma das famílias de imigrantes, a qual, através do apoio do poder público, dava suporte às comunidades locais para sustento de suas famílias.

Através da aplicação do instrumento, se fez saber a história de pessoas importantes como os da família Sékula, dos quais foram entrevistados dois irmãos: Almir e João Alberto Sékula, moradores de frente da praça, filhos de Ziemowit Surek Sékula e Joana Sékula, descendentes de poloneses, que fugiram das guerras na Europa no início do século buscando uma nova vida, a qual encontraram na esquina entre a Rua Saldanha Marinho e 17 de Julho, através de um empreendimento voltado ao ramo da marcenaria, atividade esta que se fazia com maestria e até hoje se reconhecem através dos móveis e detalhes artísticos em madeira no casarão que atualmente abriga uma pizzaria.

A percepção de um dos usuários e moradores do entorno da praça demonstrou valorização e louvor ao antigo prefeito Nivaldo Passos Kruger pela sua visão urbana expressiva. Nas portas de

seu empreendimento, está demonstrado todo o conhecimento na arte de entalhes em madeira enriquecendo mais ainda a cultura eslava.

Ainda, ao analisar as respostas obtidas através das entrevistas, observou-se que um dos moradores do entorno da Praça demonstrou constrangimento ao falar dos problemas urbanos mais recorrentes da atualidade quanto ao vandalismo e à falta de educação de alguns usuários noturnos daquele espaço. Disse não gostar do barulho no campo de futebol de areia nos fins de tarde e finais de semana, inclusive das bolas que caem no seu quintal ou batem na parede de sua residência, enquanto há movimentação na praça. Além disso, mencionou os problemas de drogas e indivíduos de pouca confiança que por ali circulam ao calar da noite, gerando perigo e insegurança na área mais escura do bosque.

Ainda de acordo com os resultados da pesquisa, pode-se afirmar que talvez o nome da praça pudesse ser mais abrangente, como Praça Eslava (e não somente Ucrâniana), uma vez que pelo menos cinco dos entrevistados fizeram menção ao único armazém que abastecia aquela área até as imediações do Rio Jordão (Comercial Piasecki), citando uma das antigas famílias polonesas que trouxeram suas contribuições enquanto imigrantes e que chegou ao Brasil em busca de uma vida melhor. O proprietário, chamado Tadeu Piasecki, consertava guarda-chuvas, relógios, máquinas de costura, armas de fogo, cortava cabelo e era exímio comerciante.



FOTO 03 : Casarão eslavo construído na década de 1950
FONTE: O autor (2014)

Através de conversas com familiares, foi possível registrar a história deste casal de poloneses: o Sr. Tadeu Piasecki (1905-1983) e a Sra. Valéria Voicik Piasecki, recém chegados da Polônia, provavelmente em 1935, lançaram seus alicerces na cidade de Guarapuava. Instalaram-se na Rua Saldanha Marinho, no Jardim Trianon, onde logo inauguraram o COMERCIAL PIASECKI, uma casa de comércio que ficou conhecida na área sul da cidade, nas proximidades da Igreja Ucrâniana e da praça, lembrando aí de mais um ícone que remonta a importância da valorização destes povos recém chegados da Europa (poloneses, ucranianos, italianos, alemães e outros), dando forma à cultura e ao desenvolvimento econômico de Guarapuava e região. Documentos da época evidenciam a importância destes imigrantes rumo ao progresso; alguns anos mais tarde o casal de poloneses já contava com uma parceria que só teve a acrescentar no vislumbre do sucesso, pois recebiam o auxílio de seus filhos Zegmundo Piasecki (1941-2002) e Vanda Piasecki, os quais ao longo do tempo, também deram a sua contribuição, seja do ponto de vista econômico, social ou político. Fizeram história e a deixaram escrita ao longo do tempo, para que com suas conquistas, desafios, erros e acertos, fossem espelho para as futuras gerações, inclusive sua família, que continua construindo uma Guarapuava melhor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história de um povo se dá ao longo do tempo de várias formas, às vezes pelo sofrimento, pela saudade, pelas lutas e perdas, mas sempre, por determinados pontos de vista, pelas conquistas. Pode-se dizer que Guarapuava, pelo seu desenvolvimento atual, é uma cidade que conseguiu, através da formação de sua gente, atravessar as dificuldades, e chegar ao ponto de equilíbrio econômico, financeiro e social ao qual se encontra hoje, é claro com grande espaço para melhoras; no entanto, ao olhar para sua história, já se enxergam as conquistas, com detalhe de apenas se detectar como são percebidas, como cada indivíduo as interpreta.

Ao longo deste trabalho, percebeu-se como as pessoas valorizam o espaço da Praça Ucrâniana e todo o seu entorno. Neste caso, os moradores mais antigos foram levados durante as entrevistas, ao tempo de infância ou a sua juventude, pois as memórias ali resgatadas são empolgantes e deram impulso às suas histórias de sucesso enquanto profissionais liberais, empresários ou mesmo funcionários públicos.

Portanto através do presente estudo, foi possível descobrir como os usuários da praça percebem neste espaço público a presença da igreja ucraniana, à qual o nome da praça faz referência, porém têm dificuldade em perceber a relação com o registro da história da imigração eslava na cidade de Guarapuava, o que mostra a necessidade de se trabalhar tais assuntos nas escolas e até mesmo neste espaço público, através de atividades culturais em datas comemorativas ou em finais de semana, de teatro de rua, citações e audições de trechos literários em praça pública ou através da música e exposições, trazer o conhecimento da cultura e da colonização do município.

Pela dificuldade de encontrar documentos históricos, se é que existem, até mesmo oficiais, de formalização da criação da praça como leis ou decretos, viu-se aqui a oportunidade e necessidade de se registrar nomes e fatos históricos, para que no futuro, este texto possa ser uma fonte de pesquisa e que, a partir deste, novos resgates sejam feitos tanto da Praça Ucrâniana como de tantos outros da cidade, ficando aqui novas sugestões de pesquisa.

REFERÊNCIAS

GERARDI, L. H. O. e SILVA, B. C. N. **Quantificação em Geografia**. São Paulo: Difel, 1981.

IPARDES. **Caderno estatístico do município de Guarapuava**. p. 12. Disponível em: <http://www.ipardes.gov.br/cadernos/Montapdf.php?Municipio=85000>. Acesso em 09/06/2014.

LEFEBVRE, H. **O Direito à Cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

LOBODA, C. R. Configurações e olhares sobre o espaço público: as praças no contexto da cidade. **Ambiência** - Revista do Setor de Ciências Agrárias e Ambientais, Guarapuava-Pr, v. 3, n. 3, p. 363-381, Set./Dez. 2007.

_____. **Práticas socioespaciais e espaços públicos em Guarapuava - Pr** 337 fls. Tese (Doutorado em Geografia), Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente Prudente/SP, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2008.

SANTOS, M. **Por uma Geografia Nova – da Crítica Geografia a uma Geografia Crítica**. 6 ed., 1. reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008. – Coleção Milton Santos; 2)

SCHIFF, Myra. **Percepção e Atitude**. Boletim de Geografia Teorética, Rio Claro, 3 (6): 47-61, 1973.

TUAN, YI-FU. **Topofilia – um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 1980.